N. 19 1· ANNO

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADO ÁS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS
Anno 300
Com estampilha 360

GUIMARÃES
DOMINGO 6 DE MARÇO DE 1887

TODA A CORRESPONDENCIA
Deve ser dirigida á
REDACÇÃO

OS CONSELHOS DA MAMÃ

CONTOS SEM ARTE

(ÁS LEITORAS DO *Bijou*)

I

BÈBÉ

SENTADINHA no sophá e com a cabecita encostada nos joelhos da mamã, Bébé, que com os seus cabellos dourados e suas facesitas côr de rosa, se assimelha a um dos cherubins de Rafael, Bébé parece dormir.

A mãe, uma joven senhora muito pallida, julgando a filhita adormecida inclinou-se para ella, e beijando-a de mansinho murmurou suspirando=dormes, anjo meu !... quando a phtysica, a terrivel phtysica que lentamente me mina, me houver prostrado para sempre, quem te embalará, meu doce amor ?=e calou-se e suspirou de novo. Mas Bèbé não dorme; ouvio, sem comprehender, o que a mamã disse, mas pareceu-lhe que ella estava triste Erguendo devagarinho a cabecita, muito calladinha foi sentar-se nos joelhos da mamã, cingindo-lhe o pescoço com os frageis bracitos e beijando-a muito. Depois disse-lhe, entre dous beijos=estás triste mamã ? que tens ?=e, sem adivinhar que ia magoar muito a sua mãesinha, proseguiu=E' porque o papá nos deixa sempre sosinhas ? Olha mamã, porque é que o papá foge de nós, porque te falla ás vezes com mau modo, e porque nem sempre quando o beijo me sorri ? Elle não gosta de nós, mamã ?=Gosta, minha filha, gosta, replicou a pobre senhora que não sentia talvez o que dizia. Mas que queres Bébé, o papá tem tanto que fazer lá fóra e os negocios apoquentam-n'o tanto, que não deves admirar-te de que não te sorria e beije tanto como eu. Mas Bébé è, deve ser muito amiga do papá, é a mamã que assim o quer. E, visivelmente commovida, a pobre mãe, affagando a creança que abria muito os seus grandes olhos azues, continuou—Toma sentido no que vou dizer-te, Bébé; a tua mamãsinha vae em breve fazer uma viagem muito longa, demora-se muito tempo; e tu ficas a fazer companhia ao papá; é preciso que sejas muito amiga d'elle, muito, muito; que o beijes e abraces sempre, mesmo que elle não te sorria e affague. Não te esqueças d'isto, não Bébé ?=Não, mamã; não, respondeu a pequenita. Mas para que é que a mamã vae para longe ? Oh ! eu não quero que a mamã me deixe ! não quero=soluçava a creança.=Socega, meu anjo, socega, talvez Deus queira que eu fique. não te deixarei; mas não chores, Bébé, tranquillisa-te.=E a pequenita, abraçada na mãe, adormeceu, inconsciente da grande desgraça que a esperava.

Em quanto Bébé dorme, diguemos duas palavras ácerca da sua mãe. Casara ha seis annos a pobre doente; n'aquella epocha, a bondosa e sympathica menina estava cheia de saude e alegria. Nos dous primeiros annos que se seguiram ao seu casamento o marido tratava-a bem, faz'a-lhe companhia, eram felizes. Pouco a pouco, sem que a virtuosa senhora deixasse de tratal-o com a mais carinhosa sollicitude, o marido foi-se affastando de casa, e por fim, raros instantes se demorava n'ella. Passava os dias nos cafés, as noutes nas casas de jogo. A mãe de Bébé sabia que o marido perdera já sommas avultadas de dinheiro; e soffria, soffria muito a pobre senhora, mas não ousava queixar-se. Redobrara de attenções, de carinhos, tentando chamar a casa o desgraçado jogador, mas nada conseguira. Esta lucta constante, este soffrimento silencioso, foram-lhe diminuindo as forças, enfraquecendo-a muito, e finalmente veio a phtysica. E o marido nem sequer suspeitava qual a

origem dos soffrimentos de sua mulher! E a santa senhora, definhando dia a dia, sem outra consolação alem das caricias da filhita, longe de se lamentar do abandono em que a deixava o marido, não cessava de repetir a Bébé que queria que ella fosse muito amiga do papá.

. . . . . .

A's calmas do estio, succedera o outomno, a estação melancolica, que cobre de folhas seccas, a sepultura dos phtisicos. A mãe de Bébé, cada vez mais pallida, e abatida, mas tranquilla e resignada, adormeceu em fim, do somno pacifico, que leva os justos á bemaventurança. Quando a santa senhora axpirou, uma amiga d'ella, levou bébé para sua casa, e lá a teve alguns dias. A pequenita perguntava muito pela sua mamasinha, que a queria ver; em vez de lhe responderem, davam-lhe muitos «bonitos», muitos doces, e bébé callava-se, hia brincar. Mas, quando a levaram para casa, e ella não vio a mamã, e lhe disseram que ella não voltára ainda da sua viagem, bébé chorou muito, e custou a consolal-a. Mas era tão pequenina! e os pezares n'aquellas idades duram tão pouco! Não que bébé esquecesse de todo a mamã, esperava-a sempre, mas, apezar de se lembrar ainda d'ella, voltou a brincar como dantes. Sómente á noite, quando a creada queria adormece-l-a no regaço, ou leval-a á sua caminha, bébé dizia sempre que não tinha somno, e fugindo, hia deitar-se no sophá; e lá, sosinha, adormecia. Caprichos de creança!

(Continua)

VIRGINIA D'ABREU.

PARODIA

Doce é no estio a neve aos encalmados,
Doce o rosal na praia ao nauta lasso,
Mais doce o hymno que em nocturno abraço
Cantam em ais d'amor dois namorados.

THOMAZ RIBEIRO.

Doce é aos noivos uma santa união,
Doce o deitarem-se em niveos lençoes,
Mais doce o hymno que os filhos depois
Cantam em ais d'amor... pedindo pão.

F. C.

CRIMINOSA!

Em cellula soturna, apoiada
a face sobre a mão,
pensava a desgraçada, embevecida
em lugubre visão...

E via em noite argentea e luminosa,
sobre o balcão em flôr,
um vulto de creança vaporosa
a suspirar d'amor.

Tinha no rosto o lirio da campina:
nos labios de carmim
o sorriso da estrella que illumina
o fulgido jardim.

Lançava docemente para os ceus
o seu olhar divino,
querendo perguntar ao proprio Deus
a côr do seu destino.

Depois, á meia noite, e á luz da lua
brincando na folhagem,
sentira deslisar na face núa,
qual fremito d'aragem,

o osculo tremente apaixonado
do D. Juan gentil...

. . . . . .

Mais tarde um «não» esquivo e saciado
áquelle ardor febril,

fôra o premio da rapida ventura
do louco sacrificio...
e o doce e casto amor da virgem pura
arremessado ao vicio!

Batida do destino, na prisão
cahira infantecida,
um dia ao abandono sem ter pão
matára, ao dar a vida,

o filho—a velludinea pomba etherea
de alvura immaculada—
que vinha volitar sobre a miseria
d'aquella desgraçada!

. . . . . .

Na cellula soturna, apodrecida,
a face sobre a mão,
evoca do seu crime, arrependida,
a lugubre visão !...

1885 EDUARDO CARVALHO.

BOLETIM ELEGANTE

Desde hoje até ao dia 19 do corrente fazem annos as ex.mas sr.as :

Hoje—D. Delmina Augusta de Souza Queiroz.

Idem—D. Maria de Oliveira Costa.

Dia 7—D. Maria Amelia d'Almeida.

Dia 10—D. Amelia da Conceição Ribeiro.

Dia 11—D. Amelia Augusta Baptista Sampaio.

Dia 19—D. Maria da Conceição Abreu Almeida.

REVERBEROS

A' EX.ma SNR.a D. A. S...

Eu sinto um attractivo n'esse olhar
Avelludado, meigo e penetrante,
Que logo dentro em mim sinto brotar,
A chamma d'um amor puro e constante.

Elle desce pr'a nós a tremular
Banhando o coração em luz brilhante,
Mais doce que as brancuras do luar,
Quente como a do sol mais radiante.

Muitas vezes medito, e no entanto
Não comprehendo o divinal encanto
Do teu olhar, da sua luz tão calma.

E não posso fitar-te frente a frente,
Pois que a materia cega de repente,
E só te vêm os olhos da minh'alma.

Guimarães.

Antonio d'Almeida.

ENLACE

Consorciaram-se ha dias, em S. João da Pesqueira, o sr. José Caldas, distincto jornalista, com a ex.ma snr.a D. Philomena Martins, gentilissima dama vimaranense.

As nossas felicitações.

N'UM ALBUM

(A MEU PRIMO ALBERTO A. DA COSTA SANTOS)

Este album é por certo o cofre mysterioso,
Guarda-joias gentil da tua mocidade;
E eu venho descerral-o em impeto piedoso
Pr'a n'elle desfolhar, chorando, uma saudade.

Saudade colossal do ceu profundo e puro,
Onde fulgem pr'a nós edeiaes constellações;
—Eu sinto aproximar os ventos do futuro,
Que varrem d'esse azul as nossa illusões.—

Coimbra.

Alberto Silveira.

M...

Na tenue fixidez de teu olhar,
Fitando um vago ponto indefinido,
Havia o quer que era—amor querido—
Que revelava o teu fundo penar.

Absorvida em profundo meditar
Repressa por soffrer, o mais sentido,
Mostravas o vestigio não mentido
De prantos em constante marulhar...

A etherea lividez que te cobria,
A todos que te olhavam, só dizia
As agruras de teu vulto assim mudo.

Bem querias simular—ó meu amor—
Mas era tão intensa a tua dôr
«Que, sem nada dizer's, dizias tudo.»

PORTO 87

C. Guimarães

OS ARGONAUTAS

Recebemos o n.º 1 do IV volume da «Revista de Guimarães», publicação da Sociedade Martins Sarmento, o qual traz a introducção de um livro que brevemente vae entrar no prelo, devido á penna do talentoso archeologo e nosso distincto collaborador o Ex.mo Sr. Dr. Francisco Martins Sarmento.

O titulo, é o que nos serve de epigraphe.

CRIMINOSA !

Sob este titulo temos o prazer de offerecer hoje ás nossas amabilissimas leitoras uma mimosa poesia devida ao primoroso estro do ex.mo sr. dr. Eduardo Carvalho, dignissimo delegado do Procurador Regio n'esta comarca.

Penhorados agradecemos ao talentoso magistrado a honra que se dignou fazer-nos, accedendo ao nosso pedido, e esperamos que s. exc.ª continue a abrilhantar as paginas do nosso jornal com as suas preciosas producções.

A MÃE

(Á MEMORIA DE MINHA MÃE)

MÃE ! Que palavra tam doce, tam maviosa, tam expressiva !

Tu és o precioso astro que derramas luz e esperança no coração d'aquelles que te amam e estremecem. És a synthese admiravel da bondade, da ternura e do amor. És a mimosa açucena que, agitada pelas benignas impressões do teu dever, embalas terna e docemente no teu collo todo carinho, a pequena alma do teu amor ! Ninguem como tu, sabe comprehender os mysterios do coração humano. O teu bafo é como o da brisa, que n'uma tarde calmosa de estio amenisa o ambiente, indo depôr na rosa o beijo suavissimo d'uma mãe desvelada. Sem ti, ó mãe, a humanidade, essa longa cadeia que tem o primeiro élo em Deus, seria um impossivel, uma contradicção ao regular andamento da sociedade.

Não vês porventura com que anciedade, com que delirio, o naufrago perdido na immensidade do Oceano, saúda a ilha que ao longe lhe sorri ? ! Não vês ainda o choque inesperado e agradavel, que sente o caminhante fatigado e desfallecido, embrenhado na asperesa do deserto, onde o solo é medonho estendal d'areia aguda e penetrante, e o ceo escuro sudario, quando descobre no horisonte um oasis de amena sombra, onde vegetam algumas palmeiras altivas, cujas hastes levemente empalledecidas pelo astro dos dias, atrahem o febricitante viandante a gosar da sua sombra bemfazeja, e a saciar no regato que proximo corre mansinho e murmurante, os seus labios sedentos ? ! Essa ilha e esse oasis que a minha fraca fantasia debuchou tão de leve, são para o naufrago e para o caminhante desesperados, o mesmo que a mãe é para os filhos que estremece. Pobre da humanidade sem ti; êrma de affectos e carinhos, que são como o sol a vivificar as plantas e os animaes. Infelizes d'aquelles a quem uma morte prematura roubou a vida d'uma mãe estremosa ! É ella que ensina a creança a balbuciar as primeiras palavras; que lhe radica na alma os principios do bem e da verdade e lhe dá o primeiro impulso na estrada da virtude. A creança, tendo radicados na alma tão bons principios, deve necessariamente mais tarde obrar em harmonia com elles. É pois esse o alvo a que mira a boa mãe. Lembrem-se todos os homens, respeitados e admirados na sociedade pela sua esmerada educação, que a devem aos esforços d'uma mãe estremosa.

Mãe ! O filho que a tua memoria respeita com saudade, nutre na alma um desejo; o de vir occupar no futuro o escuro cantinho aonde jazes sepultada.

JAYME D'ABREU.